

IV Congresso Latino Americano de Opinião Pública da WAPOR
Belo Horizonte – Brasil

AT 2: Opinião Pública e Novas Tecnologias

Informação e contra-informação: o papel dos blogs no debate político das eleições
presidências de 2010

Rafael de Paula Aguiar Araujo*

Claudio Luis de Camargo Penteadó**

Marcelo Burgos Pimentel dos Santos***

Palavras-chaves: blogs; informação e contra-informação; eleições; escândalos políticos.

* Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. E-mail: rafa77@uol.com.br.

** Professor da Universidade Federal do ABC; pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. E-mail: claudiocpenteadó@gmail.com.

*** Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP; pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. E-mail: marceloburgos@uol.com.br.

Informação e contra-informação: o papel dos blogs no debate político das eleições presidenciais de 2010

Rafael de Paula Aguiar Araujo^{*}

Claudio Luis de Camargo Penteado^{**}

Marcelo Burgos Pimentel dos Santos^{***}

Resumo

Esse artigo tem o objetivo de apresentar um estudo sobre a relação entre internet, política e democracia, através da análise da blogosfera como um espaço alternativo de produção e disseminação de informações ante as grandes empresas de jornalismo tradicional (jornais e revistas). Para realizar esse estudo pesquisou-se o papel da blogosfera no questionamento das informações publicadas nos principais veículos de informação e a crítica da qualidade da cobertura jornalística nas eleições presidenciais de 2010. As eleições presidenciais brasileiras de 2010 foram marcadas pela disputa política entre a candidatura petista - Dilma Rousseff - e os meios de comunicação tradicionais. Candidata favorita, de acordo com as pesquisas de intenção de voto, inclusive, com perspectiva de vitória no primeiro turno, no último mês antes do pleito, começou a sofrer ataques por parte da imprensa tradicional que vinculou à sua candidatura denúncias de quebra de sigilo na Receita Federal e tráfico de influência na Casa Civil. Esse embate trouxe para a agenda política a discussão sobre o papel do jornalismo no processo político e no funcionamento da democracia. A formação de uma sociedade democrática passa pela democratização da informação realçando a importância do papel da imprensa, contudo a prática jornalística é marcada pelo controle da informação por grandes empresas de comunicação que controlam o fluxo de informação o que permite agir de acordo com seus interesses. Para a realização desse estudo, foram analisadas as informações postadas em dois blogs jornalísticos (Nassif e Azenha), que tiveram papel ativo nesse debate, por meio da divulgação de informações questionando os dados apresentados e a cobertura da mídia tradicional e, também, como espaço para a expressão da opinião dos leitores sobre essa disputa. Apesar da blogosfera ter um impacto limitado a um número restrito de participantes e leitores, o que restringe seu potencial político, o espaço se constitui como uma arena pública de debate mais plural, no qual existe a possibilidade de ampliação da discussão política para além do monopólio da informação pela imprensa tradicional.

Palavras-chave: blogs; informação e contra-informação; eleições; escândalos políticos.

* Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. E-mail: rafa77@uol.com.br.

** Professor da Universidade Federal do ABC; pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. E-mail: claudiocpenteado@gmail.com.

*** Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP; pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. E-mail: marceloburgos@uol.com.br.

Introdução

A campanha presidencial de 2010 foi palco de uma acirrada disputa entre os três principais candidatos: Dilma Roussef do PT, apoiada pelo então presidente Lula; José Serra do PSDB, representante da oposição; e Marina Silva, candidata pelo PV, representando uma candidatura alternativa.

Favorecida pela popularidade e boa avaliação do governo Lula, Dilma, mesmo sem ter participado de nenhuma eleição anterior como candidata, consegue assumir a liderança nas pesquisas de intenção de voto logo no início da campanha eleitoral, revertendo o quadro inicialmente favorável ao ex-governador de São Paulo, José Serra, do PSDB, principal partido de oposição. O rápido crescimento de Dilma Roussef nas pesquisas indicavam, em princípio, uma vitória da candidata no primeiro turno. Contudo, uma série de denúncias, reportagens e escândalos, vinculados à sua campanha, seu passado político ou mesmo ao governo Lula começam a ganhar destaque dentro do noticiário dos meios de comunicação tradicionais (televisão, jornais e revistas).

As acusações contra Dilma provocaram uma imediata reação de seus partidários e simpatizantes, que acusavam os grandes meios de comunicação de fazer uma campanha sistemática para desestabilizar a candidatura petista e servir aos interesses de José Serra. Esse embate, encontrou no universo digital da Internet, um campo de contestação das informações publicadas, promovendo um intenso debate que foi além da disputa partidária, colocando em oposição os críticos das grandes empresas de comunicação e os representantes desses setores.

O primeiro grupo acusava os meios de comunicação por atuarem de forma partidária em favor da candidatura tucana, produzindo “factóides” com o interesse de enfraquecer a campanha de Dilma, agindo de forma golpista. Alguns outros, com uma postura mais radical, chegavam a chamar os grandes veículos de comunicação de PIG – Partido da Imprensa Golpista, termo que se espalhou com rápida velocidade na Internet. O segundo grupo, encabeçado pelas grandes empresas de mídia tradicional, representados pelos profissionais da área, acusava o governo de censura, afirmando que os petistas eram contra a liberdade de imprensa, patrocinando “pseudojornalistas” para defenderem o governo. Existe uma relação conflituosa entre a mídia tradicional e a Internet sob diferentes aspectos.

Os jornalistas que atuam na blogosfera, na maioria das vezes, passaram por vários veículos de comunicação tradicionais e possuem credibilidade assegurada, são, portanto, portadores de um capital simbólico dentro do jornalismo, inclusive os dois blogueiros que analisaremos neste artigo.

Há, entretanto, blogueiros e usuários que atuam no espaço da Internet sem a formação jornalística e realizam um trabalho mais semelhante ao de uma militância. Outro aspecto importante diz respeito às pulverizações de verbas publicitárias que ocorreram no governo Lula, que levou algumas empresas de mídia tradicional serem afetadas diretamente. Além disso, o governo Lula estimulou a disseminação de projetos para o desenvolvimento de Internet banda larga no Brasil, o que também fez aumentar seu espaço e sua participação na vida social e política brasileira. Outro dado importante é que algumas pessoas que trabalharam nas ações governamentais da área comunicacional tinham posições contrárias aos interesses e visões dos meios de comunicação tradicionais.

A disputa entre veículos tradicionais e NTICs chamou a atenção para o poder da Internet no debate político contemporâneo, em que o aumento do número de acessos e a importância nas relações sociais possibilitaram a criação de um espaço alternativo de informação, quebrando o monopólio do processo informacional, centrado nos grandes meios de comunicação tradicionais. Apesar da Internet não ter o mesmo poder de penetração e audiência que os veículos de comunicação tradicionais, seus fluxos de informações já atingem uma parcela importante da população produzindo um novo canal de comunicação que pode questionar as informações que são veiculadas por outros meios, assim como produzir novas informações, de forma interativa e colaborativa, como uma “sociedade em rede”, para utilizar a denominação aplicada por Manuel Castells.

Com o objetivo de avaliar a Internet como um espaço alternativo de produção, circulação e transmissão de informações, que proporciona uma nova dinâmica nas relações políticas contemporâneas, esse artigo realiza uma análise da blogosfera – rede de blogueiros interligados pela rede mundial de computadores – como um espaço de contra-informação em relação aos meios de comunicação tradicionais, estudando o papel dos blogs no debate político das eleições presidenciais brasileiras de 2010.

A campanha de 2010 foi marcada por uma série de denúncias publicadas nos principais canais de informação tradicionais (*Veja*, *Rede Globo*, *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, entre outros) envolvendo a candidatura de Dilma Roussef, que foram duramente criticadas e contestadas no espaço digital da blogosfera. Entre esses episódios podemos destacar três que merecem menção especial por serem bem significativos no embate entre as forças majoritárias do pleito presidencial, a saber: a acusação de tráfico de influência na Casa Civil envolvendo a ex-assessora de Dilma, Erenice Guerra. Outro caso significativo foi o evento conhecido como o “caso

da bolinha de papel” e, por fim, a denúncia de quebra de sigilo de pessoas ligadas ao candidato José Serra, entre eles sua esposa e filha.

O “caso da bolinha de papel” corresponde a uma situação em que o candidato tucano José Serra, durante uma caminhada de campanha, é atingido por um objeto lançado por supostos manifestantes petistas. Esse acontecimento recebeu diferentes coberturas nos noticiários, cabendo destacar as reportagens do *Jornal Nacional* e do *Jornal da Record*. O primeiro mostra o confronto entre os militantes e, em seguida, imagens de Serra com a mão na cabeça indo para um hospital receber tratamento médico e realizar exames. O segundo identifica o objeto como uma bolinha de papel e mostra cenas em que o candidato tucano somente coloca a mão na cabeça, local onde foi atingido, depois de receber um telefonema. A reportagem do *Jornal da Record* teve uma ampla repercussão na Internet, porque os apoiadores de Dilma logo fizeram circular suas imagens da reportagem na Web. No dia seguinte, o *Jornal Nacional* levou ao ar uma nova reportagem sobre o evento, com novas imagens em que o candidato Serra também teria sido atingido por um outro “objeto”, que justificaria a necessidade de atendimento médico. Para confirmar essa nova versão, convidaram o “perito” José Molina¹, que afirmou na reportagem que provavelmente o que atingiu a cabeça do candidato foi um rolo de fita crepe. Em reação a essa reportagem, a blogosfera circulou diversas informações questionando a veracidade das imagens. Com análise das imagens, quadro-a-quadro, os blogs procuram demonstrar, com a participação de outros peritos, que o vídeo exibido no *Jornal Nacional* foi montado².

Contudo, o acontecimento mais emblemático foi aquele denominado como o caso da “quebra de sigilo” de pessoas ligadas à José Serra, que o noticiário da mídia tradicional relacionou à campanha petista, acusando-a de fazer um dossiê contra o candidato tucano. Nesse caso, houve dois momentos em que a notícia ganhou destaque, durante o primeiro turno, quando Dilma Rousseff já aparecia em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto, e, posteriormente, no segundo turno, com o vazamento do resultado da investigação da Polícia Federal sobre o caso. Em ambos os momentos, as reportagens vinculavam a quebra do sigilo à campanha petista, havendo indícios de que o dito dossiê teria sido produzido em Minas Gerais por pessoas ligadas ao também tucano Aécio Neves. Nesse caso, o dossiê seria fruto de uma disputa interna dentro do próprio PSDB. A blogosfera respondeu rapidamente, produzindo novas informações, questionando o conteúdo

¹ Molina foi o perito que investigou a morte de Paulo Cesar Farias (PC Farias). O resultado da perícia de Molina gerou muita polêmica na época, sendo contestado até hoje, colocando em cheque sua credibilidade.

² Um exemplo foi o post publicado no Luis Nassif Online: <http://www.brasilianas.org/blog/luisnassif/mapeando-a-armacao-da-bolinha>. Acesso em: 07/02/11.

veiculado e a postura dos meios de comunicação tradicionais, que estariam favorecendo José Serra.

Ainda sobre a questão da “quebra de sigilo”, vale lembrar o livro que o sociólogo Laymert Garcia dos Santos publicou em 2003, *Politizar as Novas Tecnologias*, em que afirma:

(...) o jornalista Josias de Souza publicou recentemente na Folha de S. Paulo, que no início deste ano [2000] era possível comprar em São Paulo, por apenas R\$ 4 mil, o banco de dados da Receita Federal de 1996, contendo as informações sigilosas de 11,5 milhões de brasileiros – 7,6 milhões de pessoas físicas e 3,9 milhões de empresas!³ Renda, faturamento, ocupação, ramos de atividade, patrimônio, endereços, números de telefones, tudo vendido em Cds, para festa do marketing e da mala direta. O banco havia sido roubado no início de 1997 dentro da própria Serpro, e ao que tudo indica por funcionários graduados da empresa. Quem acredita ser possível responsabilizar o Estado por essa gigantesca violação, que em qualquer país sério teria no mínimo provocado uma crise política e o corte de algumas cabeças? Podem os contribuintes exigir um ressarcimento por danos que eles não tem condições de comprovar e muito menos contabilizar, mesmo quando desconfiarem que suas informações estão sendo criminosamente utilizadas? (Santos: 2003, p. 147-8).

É possível dizer que a venda de dados sigilosos da Receita Federal não era algo novo naquele momento e já era de conhecimento público. Mais ainda, a emissora *SBT* já havia feito uma reportagem, em que tratava da compra e venda de dados sigilosos em São Paulo. O programa *SBT Brasil* fez a reportagem intitulada *Senhas do Crime*, pela qual entrevistou o então presidente do Superior Tribunal Federal, Gilmar Mendes, além do então governador de São Paulo, José Serra⁴. Na reportagem Serra chega a afirmar que já sabia dessa possibilidade e reitera que também era possível encontrar os dados das suas esposa e filha, além de seus próprios dados pessoais. Além disso, citava a possibilidade de quebra de sigilo do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, dos ministros da Fazenda e da Justiça, Guido Mantega e Tarso Genro, respectivamente, além do próprio Presidente da República. Dessa forma, é possível dizer que no momento em que o caso do dossiê ganha espaço nos noticiários, não era novidade ser possível comprar informações sigilosas de qualquer cidadão do país. E, mais ainda, os fatos permitem dizer que as vendas não tinham interesses partidários ou ideológicos específicos, pois atingiam várias pessoas de diversas matizes ideológicas e políticas.

Esses três casos ilustram como a Internet e, mais especificamente, a blogosfera, funcionou como um canal alternativo no debate político-eleitoral, ampliando a discussão para além dos meios de comunicação tradicionais, produzindo uma nova dinâmica no jogo político, através do fornecimento de contra-informação ao que era informado na “velha mídia”⁵. Para analisar o embate neste processo político, este artigo apresenta um estudo sobre o evento denominado como “quebra

³ O artigo de Josias de Souza foi publicado originalmente no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 02/07/2000, na página A-13, com o seguinte título: *Dados sigilosos da Receita vazaram do Serpro*.

⁴ O vídeo do programa citado está disponibilizado no site *Youtube*, no seguinte endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=pIKDfaN5K5A>

⁵ Termo usado pelo jornalista Luis Nassif e outros blogueiros para designar os meios de comunicação tradicionais.

de sigilo”, discutindo como a blogosfera, em especial os blogs *Vi o Mundo*, do jornalista Luiz Carlos Azenha, e *Luis Nassif Online*, do jornalista de mesmo nome, contestaram as coberturas dos noticiários tradicionais. Cabe lembrar que os jornalistas, cujos blogs serão analisados aqui, já trabalharam e construíram seu capital simbólico dentro do universo de jornais e televisão, mas trocaram esses meios pela Internet.

O texto está estruturado em três partes. Na primeira foi feita uma reflexão teórica sobre a relação entre mídia (jornalismo), democracia e Internet, discutindo a importância dos fluxos de informação para a formação de uma sociedade democrática e as mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento da rede mundial de computadores. Em seguida, foi realizada uma avaliação do enquadramento da cobertura do jornal *Folha de São Paulo* sobre o episódio da quebra de sigilo dos dados bancários de pessoas ligadas ao candidato José Serra e sua ligação com a campanha de Dilma Rouseff. Nessa parte, o referido jornal surge como exemplo de mídia tradicional, cuja cobertura do caso selecionado foi referenciada diversas vezes pelos blogueiros. O estudo do posicionamento dos blogs *Vi o Mundo* e *Luis Nassif Online* contestando as informações e o tipo de cobertura dada ao episódio, está na terceira parte do artigo. Nesse estudo foi avaliado o posicionamento dos blogs em relação ao evento, verificando como eles procuraram desconstruir a cobertura dos veículos de comunicação tradicionais e também as reações dos comentaristas publicadas nos fóruns de debates desses blogs.

Ao final, discute-se o papel da Internet, mais especificamente dos blogs, como um espaço alternativo de debate político e seu papel dentro do processo eleitoral, sobretudo no que tange a uma nova forma de contestação e produção de notícias. Assim, foi possível dizer que o desenvolvimento da Internet incorporou novos fluxos e atores no jogo político, criando novos campos comunicacionais que contribuem para a ampliação do debate político para além das esferas institucionais e dos meios de comunicação de massa.

1. Política, Comunicação e Internet

Diferentemente dos meios de comunicação tradicionais que são conhecidos por serem uma fonte de informação de mão única, ou seja, dos emissores para os receptores, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) possuem uma característica diferente pois também permitem aos receptores participarem dos processos de produção de informações. Assim, através do desenvolvimento tecnológico, atualmente, há uma nova relação de força na produção de

informações (políticas ou não) que pode ser considerada como mais horizontalizada, em detrimento da relação mais verticalizada produzida pela mídia tradicional. Em outras palavras, já são notórios no Brasil os coletivos de blogs pelos quais diversos blogueiros se reúnem para formalizar uma rede de troca de informações e notícias independente dos grandes veículos de comunicação tradicionais.

Na mídia tradicional, a informação, até ser veiculada, passa por diversos filtros hierárquicos em sua edição, os chamados *gatekeepers*, que podem ocasionar, inclusive, uma edição final completamente diferente daquela que foi imaginada por seu autor inicialmente. Com as NTICs, em especial os blogs, isso dificilmente acontece. Os indivíduos têm maior liberdade para publicar o material que desejam, pois as informações não precisam passar pelo crivo de um editor. Cada autor é seu próprio editor, de forma que os filtros hierárquicos acabam por se tornar muito mais fluidos ou mesmo obsoletos.

Dessa forma, uma maior liberdade de produção de informação leva, em princípio, a uma maior participação política via Internet. Um exemplo do que falamos seria o fenômeno que ficou conhecido como *netroots*, ativismo político de “raiz”, que é organizado com as NTICs e se constitui como “paradigma de incorporação da web pela democracia representativa” (FSP, 09/08/06, p.F1). Ou seja, diferentemente do que ocorria no século anterior, o ativismo político hoje se realiza na e pela mídia, na ágora virtual, ao invés da ágora real e concreta das cidades, transformando aos poucos os mecanismos da ação e participação política. Todo esse ativismo via Internet pôde se desenvolver graças ao número de acessos de banda larga no Brasil e no mundo, que permite maior rapidez na obtenção e troca de informações, sobretudo quando são circulados fotos e vídeos pela rede com o intuito de produzir novos conteúdos informacionais.

Vale ressaltar que desde o final do século passado, a Internet tem sido responsável por organizar manifestações sociais e políticas mundo afora. Foram os sites de mídia independente com o apoio de ONGs que organizaram as manifestações anti-globalização em Seattle e Gênova, em fins do séc. XX. Foi também através do uso de celulares e envio de mensagens SMS, via telefonia celular, e também através de e-mails, que a sociedade espanhola desmentiu as primeiras informações oficiais sobre o atentado à estação Atocha em Madri, em março de 2004, véspera das eleições⁶. Também foi através do uso de celulares e de blogs coletivos que os franceses organizaram os protestos que “bagunçaram” o país, em fins de 2005. Como exemplo mais recente é possível citar as manifestações contra as fraudes eleitorais em 2009 no Irã ou, mais recentemente, o uso das NTICs nos protestos que têm ocorrido no norte da África e Oriente Médio, cobrando dos governos

⁶ O uso destas NTICs foi decisivo para dar a vitória ao candidato da oposição, Zapatero, segundo Victor Sampedro (2005).

maior espaço democrático. Os exemplos citados são a demonstração deste novo ativismo político que tem se realizado através da Internet.

O uso das NTICs em eleições presidenciais brasileiras não é novo. Em 2006, a Internet também serviu como contraponto às informações noticiosas transmitidas pela grande mídia. A despeito de toda a cobertura sobre as eleições daquele momento e a continuidade em relação à crise que envolveu os dois últimos anos do primeiro mandato do presidente Lula, pode-se verificar nos sites que medem as audiências de blogs, um aumento significativo no número de acesso aos mesmos⁷.

Números mais recentes indicam que no Brasil 71% dos internautas navegam em blogs. Um dos motivos dessa procura foi justamente as eleições que ocorreram no ano passado. De acordo com pesquisa *comScore*, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 02/03/2011, “os meses de outubro e novembro tiveram o recorde de internautas (39,3 milhões, em novembro) e de páginas visitadas (2,25 bilhões, em outubro). De acordo com a mesma pesquisa, o Brasil seria o maior país da América Latina com acessos à blogosfera⁸.

A convergência tecnológica das NTICs aumentou a capacidade de intervenção da mídia nas atividades humanas, criando novas possibilidades de ação política e interação social. As diferentes mídias fazem parte, diretamente ou indiretamente, da maioria do cotidiano da população, seja como meio de trabalho, ferramenta de entretenimento, mecanismo de interação social ou mesmo fonte de informação. Nesse contexto, a mídia assume cada vez mais um espaço central na vida humana, se tornando “palco e objeto privilegiado das disputas pelo poder político na contemporaneidade” (LIMA, 2000: 176). Há, portanto, uma transformação das práticas políticas e dos processos democráticos, que encontram nas NTICs novas ferramentas para a ação dos seus mais diversos atores políticos, assim como novos espaços de debate, produção e circulação de informações.

Antes do surgimento das NTICs, a mediação entre Estado e sociedade ocorria através da representação institucional dos partidos políticos e órgãos da administração pública. Depois essa mediação passou ao controle dos grandes conglomerados de mídia, que passaram a influenciar diretamente a opinião pública, o que limitou o cidadão à condição de expectador da luta política e a um consumidor de políticas. As NTICs permitiram, por exemplo, uma dinâmica inovadora na execução das práticas políticas, estabelecendo uma interação mais direta entre o Estado e os

7 Os sites que verificam a audiência de blogs são: www.technorati.com, www.alexa.com, www.blogpulse.com e www.blogblogs.com.br.

8 Os dados dessa pesquisa foram publicados no jornal *Folha de São Paulo*, dia 02/03/2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/tc0203201114.htm>. Acesso em: 02/03/2011.

cidadãos sustentada por um aparato tecnológico de comunicação em rede. Atualmente, no Brasil, é possível a participação via Internet de discussões no desenvolvimento do ciclo de políticas públicas, como é o caso do Ministério da Cultura durante o governo Lula, que se empenhou na construção de espaços de deliberação e pesquisa em seu site⁹.

Outra forma de participação política oriunda do desenvolvimento das novas tecnologias é o aprimoramento de serviços públicos para o cidadão, ancorados na lógica do aumento da eficiência da gestão pública e no processo de desburocratização. Outros exemplos que merecem destaque são os novos mecanismos de controle das contas públicas, como o Portal Transparência Brasil; os acessos a serviços públicos, como a emissão de documentos; as informações disponibilizadas sobre serviços públicos e, em especial, sobre a arrecadação de tributos, como ocorre com o Imposto de Renda e o IPTU.

Pode-se afirmar que o desenvolvimento das NTICs trouxe novos fatores que precisam ser incorporados à reflexão sobre a política. Além da ampliação das possibilidades de comunicação e interatividade e o rompimento com o monopólio da mídia tradicional, as NTICs possibilitam também que o cidadão pudesse estabelecer um debate sobre as políticas, emitindo opiniões e posições. Há também novas formas de mobilização, que pela facilidade de comunicação dos meios permitem que diferentes agentes utilizem os mecanismos da rede mundial de computadores para pressionar os representantes governamentais, seja por meio da circulação de informações através de e-mails, pela circulação de abaixo-assinados eletrônicos, pela publicação de vídeos no Youtube ou por meio de debates em fóruns digitais como os blogs, entre várias outras possibilidades.

Na literatura sobre a relação entre as novas tecnologias e as práticas políticas, podemos destacar duas grandes correntes: os ciberotimistas e os ciberpessimistas. Os ciberotimistas encontram no pensamento de Pierre Levy seu principal representante. Para Levy (1999) o ciberespaço, a partir do suporte tecnológico de comunicação em rede, é uma área de conhecimentos, saberes e potências que permite a formação de inteligências coletivas que possibilitam novas formas de experiência do espaço público, mais aberto e democrático. As pesquisas nessa linha são voltadas para demonstrar as novas possibilidades democráticas que as NTICs permitem, destacando-se como exemplo o uso da Internet na campanha vitoriosa de Barack Obama em 2008. Mas seria possível elencar muitas outras formas de mobilização civil, que se articulam por meio da rede mundial de computadores na promoção de um ciberativismo.

⁹ Cf. o paper Democracy and Internet: A Comparative Study between Portals of the Ministries of Culture (Br and Ar). Disponível em <http://www.saopaulo2011.ipsa.org/paper/democracy-and-internet-comparative-study-between-portals-ministries-culture-br-and-ar>. Acesso em 01/03/2011.

Os ciberpessimistas apontam para o perigo dos efeitos da tecnologia sobre a vida social. Segundo esta abordagem, as NTICs podem criar novas ferramentas e estratégias de dominação atuando em defesa do capitalismo, de Estados autoritários e classes hegemônicas. Eugênio Trivinho (2007), apoiado no pensamento de Virilio, desenvolve a idéia de que estamos vivendo a formação de uma *transpolítica*, articulada pelo imperativo do avanço tecnológico, pela qual as práticas humanas ficam subordinadas à velocidade das cibertecnologias, que seriam responsáveis por parte do esvaziamento das relações humanas em diversos aspectos. Essa corrente segue uma linha de argumentação que considera a velocidade das trocas informacionais como elemento de empobrecimento das interações entre os homens e o mundo. Além de um decréscimo qualitativo nas experiências vividas, haveria uma impossibilidade de reflexão sobre os fatos do cotidiano, causada pela rapidez com que as informações são consumidas.

Em uma visão mais neutra sobre os efeitos da Internet no campo político, Gomes e Maia (2008) sinalizam que os estudos empíricos até o momento não indicam grandes avanços do ponto de vista da participação democrática ou mesmo na confecção de uma esfera pública deliberativa, como acreditavam os ciberotimistas. Por outro lado, as NTICs abrem caminho para diferentes formas de participação política e possibilitam a entrada de novos atores e a circulação de novas informações, que podem ser bem aproveitadas, contrariando as visões mais pessimistas.

Nesse campo em construção, a pesquisa de Tâmara Egler (2010) se destaca por estudar a contribuição das NTICs (focada nas redes tecnossociais) para a democratização das políticas públicas. Egler utiliza o referencial de redes em políticas públicas para verificar o uso que as redes sociais fazem das novas tecnologias em suas ações e na composição de uma esfera pública (alternativa) de articulação em torno das políticas públicas.

As redes tecnossociais possibilitam a emergência de um espaço de comunicação virtual de todos para todos – formas de conectividade que permitem que a qualquer momento possamos nos conectar a qualquer pessoa ou a um banco de dados. (...) Essa rede possibilita uma mediação entre diferentes atores para a defesa dos interesses coletivos. Ela pode incluir redes sociais, organizações governamentais, empresas privadas e cidadãos comuns, possibilitando formas alternativas de unificação da esfera pública com a esfera privada. Trata-se da possibilidade de construção de um espaço público virtual para o exercício da vontade coletiva (EGLER, 2010, p. 213).

Assim, para esta autora, as novas tecnologias estruturadas em rede criam caminhos para a atuação das redes sociais, ampliando as possibilidades de ação cívica para além da representação política, eliminando a intermediação tradicional e criando formas diretas de ação e transformação.

Nesse sentido, a avaliação do processo de informação e contra-informação ocorrido na campanha eleitoral de 2010 no Brasil é emblemático. A seguir, o texto apresenta uma análise desse

processo como um exemplo capaz de dar forma às novas possibilidades de atuação cívica a partir do uso das NTICs.

2. Noticiário sobre o caso da “Quebra de Sigilo”

foi analisada a cobertura dada pelo jornal *Folha de São Paulo* ao evento denominado como “quebra de sigilo”. A opção por esse jornal se justifica por ser um dos principais jornais do Brasil, e também por ter se declarado como neutro frente às candidaturas de 2010. Na verdade, o jornal sempre se auto-denomina como imparcial, o que parece ser um contra-senso, uma vez que a neutralidade jornalística é algo bastante discutível. O mecanismo de produção e divulgação de material noticioso implica a seleção daquilo que, em princípio, poderia ser mais ou menos importante em termos de publicação e variar de acordo com os humores do campo político e econômico. Esse mecanismo é conhecido como *gatekeepers* ou filtros de edição. A *Folha de São Paulo* é uma importante referência para a análise pois, além de sua edição impressa, é proprietária do maior portal de conteúdo informativo no Brasil que é o *Universo on line (UOL)*. Por fim, os blogueiros analisados também fizeram referência ao material publicado pelo jornal, principalmente Luis Nassif, que manteve um diálogo maior através das inúmeras citações que postou e comentou, na maioria dos casos, problematizando, questionando as informações divulgadas pelo jornal.

O escândalo da “quebra de sigilo” teve início na primeira quinzena do mês de junho, quando a imprensa começou a noticiar que o sigilo fiscal/tributário de Eduardo Jorge Caldas Pereira havia sido violado em uma agência da Receita Federal em Mauá, região da grande São Paulo. Naquele momento Eduardo Jorge ocupava o cargo de vice-presidente do PSDB e havia sido secretário-geral da Presidência da República no governo FHC. Logo de início, setores da oposição e, também da campanha serrista, atribuíram esta ação ao jogo político eleitoral e responsabilizaram a campanha de Dilma.

A mídia acompanhou o início das investigações, que começaram na própria Receita Federal e depois passam a ser realizadas pela Polícia Federal. Surgiram indícios de que pessoas ligadas ao PT, e um dos acusados, fariam parte, mesmo indiretamente, do comitê de campanha de Dilma Roussef. Essas investigações e acusações contra a campanha petista ganharam ainda mais força quando em setembro foi noticiado que os sigilos fiscais de Mônica Serra, esposa do candidato tucano, e de sua filha, Verônica Serra, também haviam sido violados. Mais tarde uma outra denúncia apontou, também, que a quebra de sigilo do genro de José Serra.

O jornal *Folha de São Paulo* acompanhou e cobriu investigações sérias e independentes durante todo o período eleitoral. Foram inúmeras reportagens que se iniciaram em junho quando o escândalo começou a partir da quebra de sigilo de Eduardo Jorge, e continuaram a ser publicadas até as vésperas do 2º turno eleitoral. Alguns articulistas e colunistas também se manifestaram a respeito, inclusive a *ombudsman* do jornal, Suzana Singer. Vale observar que reportagem publicada no dia 15/07/10, informava que o sigilo de Eduardo Jorge já havia sido quebrado três vezes. A primeira delas em 2001, portanto, ainda no governo FHC. Uma segunda vez em 2003 e a última nas vésperas da campanha presidencial de 2010.

Ao contrário da análise dos blogs, o enquadramento da cobertura jornalística da mídia tradicional foi completamente diferente. Isso porque é da natureza do jornalismo realizar investigações políticas. Podemos lembrar do caso *Watergate*, que derrubou o presidente americano Richard Nixon em 1974 e que teve início a partir de investigações jornalísticas em 1972. Assim, grande parte dessa cobertura midiática é produzida por sua própria equipe, tendo um enquadramento informativo direto (quando a fonte é primária). Em alguns momentos, no entanto, os jornalistas replicam informações obtidas por outros meios de comunicação tradicionais. Interessante notar, que neste caso não foram observados comentários na *Folha de São Paulo* que se referiam às NTICs. Outro enquadramento possível na cobertura jornalística é uma avaliação crítica, sendo mais comum encontrá-lo nos artigos de colunistas, articulistas e demais colaboradores.

O articulista Jânio de Freitas, que mantém coluna diária no jornal, dedicou algumas colunas aos episódios da “quebra de sigilos”. Uma delas, publicada em 29/08/10 lembrava que a quebra de sigilos já haviam aparecido no governo FHC, em 2001, e que os dados estavam disponibilizados para qualquer cidadão que se propusesse a comprar estas informações na rua Santa Ifigênia, no centro de São Paulo. O colunista voltou ao tema no dia 02/09/10, lembrando que os indícios que apontavam para a quebra de sigilo de Eduardo Jorge surgiram com um ano de antecedência. Poucos dias depois, em 12/09/10, o mesmo jornalista escreve para elogiar uma análise da candidata do PV, Marina Silva, que afirmou que o caso da “quebra de sigilo” era importante porque os sigilos de todos os brasileiros que declaram seus impostos estariam disponibilizados para quem quer que fosse, desde que pagasse pela informação. Dessa maneira, aquilo que deveria ser privado, estava disponibilizado publicamente.

Outro colunista, Fernando Rodrigues, também fez uma análise, no dia 02/09/10, que tratava sobre a possível influência negativa da “quebra dos sigilos” na campanha petista. Antes disso, o jornalista Josias de Souza, em 15/07/10, escreveu em sua coluna diária na página A-2: “Receita

Federal ganha feições de portão da casa da mãe Joana”, no texto afirmava com veemência o que acontecera na Receita Federal. Nesse momento o escândalo ainda não havia atingido a família do candidato José Serra. O jornalista Elio Gaspari também escreveu, no dia 08/09/10, uma coluna intitulada: “O computador-polvo da Receita de Mauá”, através do qual criticava as desculpas do “comissariado” petista no episódio e apontava contradições e desmentidos sobre a filiação e não-filiação petista de alguns envolvidos no episódio. Um editorial intitulado “A culpa é da oposição” comparou a quebra do sigilo fiscal com o ocorrido durante o evento do “mensalão” e a quebra do sigilo bancário do caseiro Francenildo, que culminou com a queda do ministro Antônio Palocci. O texto também cobrava a postura do presidente Lula que estava criticando a imprensa e se dizia vítima de preconceitos (inclusive, depois, chegou a afirmar que havia um preconceito contra as mulheres expressadas pela candidatura Dilma Rousseff).

Um colaborador daquele momento, e que mais tarde se tornaria colunista do jornal, Vladimir Safatle, professor de filosofia na USP, chegou a escrever em sua crônica político-eleitoral: “Pela quebra generalizada de sigilos”, no dia 13/09/10. Ali, defendeu que todos os sigilos fiscais e bancários do primeiro escalão do governo deveriam ser públicos. Seria uma forma mais transparente e fácil de combater a corrupção, porque a população em geral poderia acompanhar a evolução patrimonial de seus candidatos e de políticos em geral. Alguns dias antes, em 08/09/10, outro professor do mesmo departamento e universidade, Renato Janine Ribeiro, escreveu criticando a valorização excessiva ao episódio e a tentativa de alguns setores do PSDB que pretenderam impugnar a candidatura petista pela quebra dos sigilos, idéia que não prosperou. Outra voz que também surgiu nesse debate. Ricardo Caldas, professor Ciência Política da UnB, na mesma data escreveu dizendo que a quebra do sigilo fiscal aproximava o governo Lula de governos totalitários, inclusive citava Hannah Arendt como argumento de seu pensamento.

Suzana Singer, *ombudsman*, do jornal, em sua coluna dominical, do dia 26/09/10 – próximo ao fim do período eleitoral – fez um balanço das reportagens do período e afirmou que o grande debate estava sendo colocado como uma disputa, um embate entre Lula e a imprensa, relação que sempre foi conflituosa durante os seus mandatos. Ela afirmou:

O presidente vem acusando os principais meios de comunicação de venderem uma neutralidade mentirosa e de "inventarem coisas o dia todo". Arrematou com a promessa de "derrotar alguns jornais e revistas que se comportam como partidos políticos". A imprensa reagiu rapidamente, com editoriais contundentes, que afirmavam, por exemplo, que "o destampatório [de Lula] representa mais uma etapa da marcha para a desfiguração da instituição sob a sua guarda, com a conseqüente erosão das bases da ordem democrática" ("O Estado de S. Paulo"). A Folha já havia dito, em editorial, que "é preciso estabelecer limites e encontrar um paradeiro à ação de um grupo político que se mostra disposto a afrontar garantias democráticas e princípios republicanos de forma recorrente".

Ainda na mesma coluna, como um balanço geral da cobertura eleitoral, continuou sua análise comentando as reportagens, enquadramentos e enfoques da *Folha de São Paulo*. No texto fica clara a crítica ao escândalo da quebra de sigilo fiscal:

Os críticos à Folha têm razão quando afirmam que o noticiário está mais negativo a Dilma do que a Serra - embora seja preciso considerar que ela é a favorita. Algumas denúncias surgiram com força e depois se perderam em um certo vazio, como o escândalo da quebra do sigilo fiscal. No afã de esmiuçar a biografia da candidata do governo, fatos sem importância ganharam destaque indevido.

Dias depois, em 29/09/10, o cientista político Alberto Carlos de Almeida, especialista em eleições, publicou uma análise afirmando que escândalos não teriam poder ou influência na “vida diária dos eleitores”. Exatamente uma semana antes deste artigo, o jornal havia publicado uma pesquisa do seu próprio instituto, o *Datafolha*, afirmando que para 76% dos leitores o jornal não favorecia nenhum candidato, apenas 11% afirmavam que seu noticiário era prejudicial à candidatura Dilma. Sendo que 75% dos leitores consideravam como ótima ou boa a cobertura deste caso da “quebra de sigilos”. Assim, o jornal respondia às críticas de diversos setores sociais que afirmavam que o jornal não era imparcial e sim, tendencioso, pró-Serra, inclusive à própria blogosfera.

Foram inúmeras as reportagens que procuraram retratar os escândalos e discussões da campanha eleitoral à Presidência da República em 2010. É inegável que nelas, a *Folha de São Paulo* sempre se pautou pela crítica e postura combativa, característica que o próprio jornal atribuiu a si. No entanto, essa criticidade, em sua cobertura eleitoral, muitas vezes era vista por outros atores sociais como enviesada e pró-Serra.

Uma vez estipulada a cobertura dada pelo jornal *Folha de São Paulo* ao caso como um parâmetro, é possível avaliar como a blogosfera elaborou um mecanismo de crítica e antagonismo frente ao discurso e à cobertura da mídia tradicional. É o que se apresenta a seguir.

3. Blogs e contra-informação

Para a realização desse estudo foram selecionados dois blogs de jornalistas com experiência nas redações dos principais meios de comunicação do País, tanto a imprensa escrita como a

imprensa televisiva. O blog *Viomundo: o que você não vê na mídia*¹⁰, criado em 2003, pelo jornalista Luis Carlos Azenha, que passou pelas redações de grandes veículos de informação (atualmente, além do seu próprio blog, também está trabalhando como jornalista investigativo na *TV Record*), nasce, segundo o próprio autor, como resultado de uma insatisfação profissional quanto ao pouco espaço para divulgar inúmeras informações que tinha e não conseguiu publicar na TV (na época trabalhava para a *Rede Globo*). O blog começou a crescer em outubro de 2006, durante a cobertura da campanha presidencial, quando o autor publicou informações sobre o diálogo da conversa do delegado da Polícia Federal, Edmilson Bruno, e quatro repórteres sobre o vazamento das fotos do dinheiro que petistas supostamente usariam para comprar um dossiê contra o candidato José Serra. Na conversa, o delegado orientava como os repórteres deveriam divulgar as fotos e dizia que pretendia jogar a culpa do “vazamento” na faxineira do trabalho. O policial também se referiu a uma certa “foto da Globo”, o que seria estranho, pois as fotos do dinheiro do “dossiê” deveriam ter sido tiradas pela perícia. O post ganhou ampla divulgação na Internet e causou mal estar na *TV Globo*, que apesar de possuir a gravação, não a divulgou.

A partir deste evento, o *Viomundo* passou a ser um portal independente (no início estava hospedado no site *Globo.com*), localizado na Hostnet. Também ganhou um novo foco, ao tentar explicar porque alguns escândalos ganhavam mais espaço que outros na mídia tradicional, buscando mostrar o que os leitores não vêem nesses veículos de comunicação.

O outro blog analisado, *Luis Nassif Online*, também é escrito por um jornalista com longa carreira no jornalismo, tendo trabalhado nas grandes empresas da imprensa brasileira, sobretudo, na imprensa escrita. O blog foi criado em maio de 2006, antes do início da campanha eleitoral, momento de intensa agitação política, principalmente nas coberturas jornalísticas dos pré-candidatos. No post inicial do blog, o jornalista explica os motivos de sua criação e como ele vai funcionar. Em relação aos motivos, Nassif assinala que após algum tempo de resistência resolveu aderir aos blogs, acreditando se tratar do futuro do jornalismo na Internet, um meio de realizar interações com seus leitores, além de ser um espaço para escrever suas crônicas, uma de suas paixões da juventude. Profissional atuante nas áreas de Economia e Política, também é músico. Em seu blog podemos encontrar diversas referências a artistas, com links para vídeos dos mesmos.

Ganhador do prêmio *iBest* de melhor blog de política, Nassif rompeu com a mídia tradicional denunciando em seu blog manipulações das informações políticas, entrando em polêmicas que resultaram em processos na justiça com a revista *Veja* e também com o jornal *Folha*

¹⁰ Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/>. Acesso em: 17/03/2011.

de São Paulo, do qual já fez parte da equipe de articulistas. Defensor do jornalismo participativo online, em muitos casos ele pede a ajuda dos leitores para apurar denúncias e informações que poderiam ajudar a desmentir as notícias publicas pelo *mainstream* da mídia.

A seguir é apresentada uma análise da atuação dos blogs no caso da “quebra de sigilo”, avaliando o processo de desconstrução do discurso veiculado no noticiário das grandes corporações de mídia brasileira nas eleições presidenciais de 2010, fornecendo uma nova leitura e interpretação do episódio, construída principalmente pelos canais interativos da Internet.

Tabela 01: Posts e comentários

Blog	Total de posts	Total de comentários	Média de comentários por post
Viomundo	32	2006	62,7
Luis Nassif Online	33	1696	51,4

Foram analisados todos os posts sobre o caso da “quebra de sigilo” durante a campanha eleitoral nos dois blogs selecionados. O caso foi abordado pela primeira vez no dia 02/06/2010. Uma seqüência de posts foi publicada até o dia 30/06/10, quando o assunto arrefeceu, mas voltou à pauta no dia 20/10/10, por conta do inquérito da Polícia Federal, quando a campanha já estava bastante acirrada.

A tabela 01 indica o número total de posts publicados sobre o assunto e o número de comentários nos dois blogs estudados. É possível notar que houve um número semelhante de posts nos dois blogs, mas no blog *Viomundo* houve um número maior de comentários. Os posts trataram de recuperar as notícias da chamada “velha mídia”, especialmente a cobertura realizada pela *Folha de São Paulo*, mostrando que esta tinha um enquadramento tendencioso e manipulador sobre os fatos descritos. Nos comentários, de forma geral, fica explícito um posicionamento político dos usuários, que podem ser avaliados como simpatizantes da candidatura Dilma Roussef, além de uma concordância com a postura dos blogueiros e um espírito de colaboração na análise dos fatos, contribuindo com novos dados e fontes. Foi possível verificar, em alguns casos, o desenvolvimento de argumentação crítica sobre a forma como a campanha de José Serra se apropriava da quebra de sigilo e, especialmente, sobre a maneira como o fato estava sendo noticiado pela mídia tradicional. Ou seja, nota-se que esses usuários tinham um interesse específico em questões políticas e estavam tentando participar ativamente do debate político-eleitoral, através da possibilidade de gerar novas fontes de informação e esclarecimento do que estava sendo publicado na mídia tradicional.

Enquadramentos:

No *Viomundo* houve um equilíbrio entre posts com enquadramento informativo indireto e avaliativo crítico. Os textos informativos indiretos se caracterizam por trazer informações de outras fontes, isto é, o blogueiro replica em seu site reportagens de outros meios de informação. O blogueiro nesse caso faz uma seleção das informações que acha mais importantes. Nesse episódio, Azenha buscou desconstruir o noticiário oficial da mídia tradicional, questionando o comportamento da mesma e o resultado dessas ações na corrida eleitoral. Os posts com enquadramento avaliativo crítico se posicionaram sobre a atuação da grande imprensa, analisando e denunciando o comportamento parcial favorável à campanha de José Serra.

No blog *Luis Nassif Online* o enquadramento dos posts também foi muito semelhante. A maior parte teve um enquadramento informativo indireto, havendo a postagem direta das notícias dos grandes veículos de comunicação tradicionais, principalmente dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e da revista *Veja*, seguidos, muitas vezes, de um comentário irônico do blogueiro, além de uma análise argumentativa crítica. Foi verificado o enquadramento informativo indireto em 78,5% dos posts, a presença de ironia em 30,5% dos posts e de uma avaliação crítica em 36,5% dos textos postados. No início da cobertura do caso, o blogueiro apresentou sua postura crítica frente a maneira como a mídia tradicional estava realizando seu enquadramento. Isso estabeleceu o blog como espaço de contra-informação, de tal forma que os próprios usuários passaram a colaborar com a apresentação de novos dados, reafirmando dessa maneira uma nova prática do jornalismo colaborativo que existe na rede mundial de computadores. Em muitos posts, Nassif apenas postou a reportagem publicada pela “velha mídia” deixando as conclusões para os leitores.

Vale também dizer que em alguns casos, Nassif trouxe uma informação direta, valendo-se de seu prestígio e credibilidade, como foi o caso do post em que o jornalista divulga a vontade de Luiz Lanzetta, dono da empresa Lanza Comunicações, ligada ao caso, em ser convocado para depor no Congresso ou em praça pública. A informação foi obtida através de telefonema de Lanzetta ao próprio Nassif, o que reforça a idéia de que os blogs são também espaços privilegiados de informação, fornecendo novos elementos que estão ausentes na mídia tradicional. Essa característica contribui para a atração de boa parte dos leitores. Não é à toa que o número de acessos a blogs informacionais aumenta em períodos eleitorais¹¹.

¹¹ Cf. nota de rodapé 7.

Fontes utilizadas:

Na composição de seus textos, Azenha utilizou de diversas fontes (tabela 02), tanto da mídia tradicional, como das novas mídias (blogs e portais da Internet). A recorrência aos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e ao portal do *UOL* (pertencente ao mesmo grupo jornalístico que mantém a *Folha de São Paulo*) foi feita para ilustrar como esses meios distorciam ou escondiam as informações do acontecimento, ou para divulgar resultados de pesquisas avaliando o impacto da denúncia. O destaque da mídia tradicional foi para a replicação de reportagens da revista *Carta Capital*, escrita por Leandro Fortes, que teve um papel essencial nesse episódio, mas que somente teve repercussão na Internet, sendo praticamente ignorada pela grande mídia. Em relação às novas mídias podemos destacar os posts retransmitidos do *Luis Nassif Online*, *Conversa Afiada* (do jornalista Paulo Henrique Amorim) e *Observatório da Imprensa* (portal dedicado a fazer uma avaliação crítica do funcionamento da imprensa). Os textos de Nassif e Amorim foram centrais no processo de desconstrução do noticiário da grande mídia, trazendo informações que questionavam o conteúdo veiculado por esses meios.

Tabela 02: Fontes utilizadas no Blog Vi o Mundo

Mídia Tradicional	Novas Mídias
Folha de São Paulo (FSP)	Luis Nassif Online (blog)
O Estado de São Paulo (OESP)	Brasília eu Vi (site de informações independente)
Correio Braziliense	Direto da Redação (site de informações independente)
CartaCapital*	Conversa Afiada
Hoje em Dia	Observatório da Imprensa (OI)
	UOL**

* A CartaCapital é uma revista semanal, que pode ser classificada como mídia tradicional, contudo seu posicionamento é crítico à atuação dos grandes conglomerados de informação.

** O UOL apesar de funcionar na Internet, segue o modelo do jornalismo tradicional, estando ligado ao grupo Folha de São Paulo.

No blog do jornalista Luis Nassif existe uma diferença no que diz respeito ao uso de fontes. Nassif parece ter reconhecido seu papel no caso pelo pioneirismo no tratamento das informações. Ele foi fonte para outros blogs, como é o caso do *Viomundo*, mas não citou nenhum outro blog de grande repercussão em seus posts. Exceção para o *Conversa Afiada*, citado uma vez e, ainda assim, por um leitor em um comentário.

Ao analisarmos a tabela 03, é possível ver que Nassif se utiliza mais das fontes tradicionais do que das novas mídias, mas com uma perspectiva semelhante a de Azenha. Os textos são publicados seguidos de comentários críticos e irônicos, com o intuito de desconstruir a credibilidade

desses meios tradicionais e evidenciar seus posicionamentos políticos. Vale destaque para o fato de Nassif se valer com frequência de participações de seus colaboradores, algumas vezes pessoas que lhe passam informações pessoalmente, que em seguida são publicadas pelo blogueiro, outras vezes os próprios leitores colaboram com novas análises e interpretações, como foi o caso do vídeo publicado no *Youtube* com a entrevista da candidata Dilma Rouseff discutindo com Sérgio Dávila sobre o suposto dossiê.

Tabela 03: Fontes utilizadas no Blog Luis Nassif Online

Mídia Tradicional	Novas Mídias
Folha de São Paulo (FSP)	Colaboradores (leitores do próprio blog)
O Estado de São Paulo (OESP)	Site da Polícia Federal
Veja	Conversa Afiada
O Globo	Youtube
CartaCapital*	UOL**
Hoje em Dia	

* A CartaCapital é uma revista semanal, que pode ser classificada como mídia tradicional, contudo seu posicionamento é crítico à atuação dos grandes conglomerados de informação.

** O UOL apesar de funcionar na Internet, segue o modelo do jornalismo tradicional, estando ligado ao grupo Folha de São Paulo.

Contra-informação:

No papel de produzir contra-informação ao que era publicado na mídia tradicional, *Viomundo* trouxe informações e avaliações sobre o acontecimento, buscando demonstrar como a grande imprensa estava manipulando as informações em favor do candidato do PSDB, José Serra. Quando surge a denúncia do caso da quebra de sigilo e o suposto “dossiê”, Azenha retransmite em seu blog post de Nassif indicando que esse era um caso antigo, antes do início da campanha (início de 2008 e que já comentamos aqui), e que se referia a um livro a ser lançado pelo jornalista Amaury Ribeiro Junior, sobre denúncias de irregularidades no processo de privatização no governo Fernando Henrique Cardoso. Simpatizantes e militantes da campanha petista circularam essa abordagem nos mais variados fóruns da Internet (blogs, *Twitter*, redes sociais, e-mails etc). Azenha também postou o texto de Paulo Henrique Amorim em que o autor acusa a “grande mídia” de ajudar o candidato Serra, criando factóides contra a campanha de Dilma, além de disponibilizar um link para ter acesso a um capítulo do livro de Ribeiro Junior.

Em um segundo momento, quando foi “vazado” o resultado das investigações da Polícia Federal sobre o caso da quebra de sigilo, a mídia tradicional buscou identificar Ribeiro Junior como participante de uma equipe de “inteligência” da campanha de Dilma. Em reação, Azenha publicou em seu blog informações e avaliações ligando Amaury, que na época trabalhava no jornal *O Estado*

de Minas, com o ex-governador mineiro Aécio Neves. Segundo as análises exibidas no blog *Viomundo*, como reportagem de Leandro Fortes para a revista *Carta Capital* (divulgada no blog), a “quebra do sigilo de tucanos é fruto da guerra Serra-Aécio”, isto é, uma disputa interna pela indicação do partido para a candidatura a presidência. Contudo, a cobertura do noticiário enfatizou a ligação de Amaury Ribeiro Júnior com Luiz Lanzetta, responsável, até então, pela coordenação de comunicação da campanha de Dilma Rousseff à Presidência da República.

Um outro evento importante que revela o papel de contra-informação da blogosfera foi a repercussão da reportagem da mesma *Carta Capital* sobre o envolvimento de empresa ligada a Verônica Allende Serra e Verônica Dantas Rodenburg, filhas de José Serra, e do mega-investidor Daniel Dantas, como responsável por disponibilizar em seu site o sigilo bancário de 60 milhões de brasileiros¹². Apesar de não ter repercussão nos noticiários da mídia tradicional, essa reportagem ganhou destaque dentro da Internet, principalmente em alguns blogs e no *Twitter*, possibilitando que o caso fosse utilizado pelos simpatizantes e militantes da campanha de Dilma.

No blog *Luis Nassif Online* pôde-se observar um comportamento parecido, principalmente na crítica à grande mídia. O blogueiro teve um papel ainda mais atuante pois participou diretamente na desconstrução do caso, questionando as informações publicadas e a forma do enquadramento desse acontecimento. Como se pode observar no trecho abaixo:

A notícia sobre o suposto dossiê, que ninguém sabe dizer se existe de fato, veio a público em uma reportagem confusa da revista *Veja* e ganhou lentamente as páginas dos jornais durante a semana até ser brindada com uma forte reação do PSDB e de Serra. Na quarta-feira 2, o pré-candidato tucano acusou Dilma Rousseff de estar por trás da “baixaria” e cobrou explicações. A petista disse que a acusação era uma “falsidade” e o presidente do partido, José Eduardo Dutra, informou que a cúpula da legenda havia decidido interpelar Serra na Justiça por conta das declarações¹³.

Nassif, em seu blog, assumiu uma posição crítica ao que ele chamou de “velha mídia”, acusando-a de favorecer a campanha de Serra e distorcer as informações em favor de tal candidatura.

Até hoje a noite, esconderam o jornalista da história, pois o conteúdo de seu livro era (e é) destruidor para a candidatura de Serra. Pois bem: a estratégia suja desta velha imprensa e dos serristas é chamar o livro de Amaury Jr. de “livro-dossiê”, acusá-lo de fazer parte da campanha de Dilma e afirmar que o PT sabia da existência deste material contido no “livro-dossiê” desde 2009. Esta obra de pseudo-jornalismo merece

¹² A reportagem da revista *Carta Capital* foi praticamente ignorada pela grande mídia, que acusou a revista de estar a serviço do governo federal (jornalismo “chapa-branca”), produzindo informações favoráveis a candidata petista. Reportagem disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/sinais-trocados>. Acesso em: 21/02/2011.

¹³ Disponível em: <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/carta-capital-e-o-conteudo-do-suposto-dossiê>. Acesso em: 19/02/2011.

ser estudada em profundidade, pois demonstra a que ponto chegou a velha mídia quando o assunto é esconder a realidade e defender os seus interesses, custe o que custar!¹⁴

Nassif e Azenha, através de seus blogs, buscaram desconstruir as informações publicadas pelos veículos de comunicação tradicionais, seja contestando a veracidade das notícias, seja ironizando a interpretação das informações, todas elas direcionadas a relacionar o “escândalo” com a candidatura de Dilma, ou então, postando novas informações que demonstravam uma distorção dos acontecimentos e encobrimentos de outros dados referente ao episódio.

Enquadramento comentários:

Foi possível notar um número significativo de comentários nos dois blogs. É preciso alertar que, diferente do *Blog do Noblat* e do *Blog do Josias*, como já evidenciado em outros momentos¹⁵, os blogs do Azenha e Nassif possuem um perfil mais analítico, mais crítico, enquanto os outros primam por serem mais informativos. Seus usuários têm uma argumentação um pouco mais sofisticada, ou seja, utilizam-se de dados e outras fontes para uma construção lógica de raciocínio, enquanto em outros blogs as participações ficam constantemente nas impressões pessoais e “achismos”. De tal forma que naqueles blogs o número de comentários, em geral, é muito maior que nesses, mas a qualidade crítica também é menor.

Ainda assim, os blogs aqui estudados apresentaram um número expressivo de comentários, tendo uma média de 62,7 por post no *Viomundo* e 51,4 no *Luis Nassif Online*. Em alguns desses comentários foi verificado um desvio do tema, passando-se a tratar de questões indiretas, tais como o rumo político do candidato do PSBD ou o significado de “esquerda” e “direita” na política. Mas na maioria dos casos é possível ver um debate interessante em torno do caso do dossiê e, principalmente, o seu significado, ao referir-se à maneira como a mídia tradicional enquadrava o episódio em favor da campanha de José Serra. Merece um destaque a forte crítica existente por parte dos comentaristas sobre o comportamento da mídia tradicional no processo eleitoral, muitos deles defenderam que deveria existir um controle externo sobre esses veículos, de forma a garantir uma maior isenção dos noticiários. Controle externo que também foi tema controverso na relação entre a mídia tradicional e o Governo Lula.

¹⁴ Disponível em: <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/o-duro-acerto-de-contas-com-a-informacao>. Acesso em: 19/02/2011.

¹⁵ Cf. outras pesquisas realizadas pelos autores. A respeito dos blogs de Ricardo Noblat e Josias de Souza, ver especialmente: PENTEADO, Claudio L. C.; SANTOS, Marcelo B. P.; ARAÚJO, Rafael de P. A. Internet e política: os blogs nas eleições presidências de 2006. Trabalho apresentado no 31º Encontro anual da ANPOCS, Caxambu/MG, outubro de 2007.

O debate, por se tratar de um período eleitoral, de uma forma ou de outra evidenciava posicionamentos políticos dos usuários, mas isso não foi significativo ao ponto de se verificar embates ideológicos e comentários avaliativos morais em que se desqualificam a discussão. De maneira geral a grande contribuição dos comentários dos posts foi no sentido de evidenciar o papel dos blogs como espaço de contra-informação. Nesse sentido, os enquadramentos dos comentários são, na sua maioria, informativos diretos, avaliativos críticos e irônicos, e em alguns casos é possível encontrar textos informativos indiretos, seguindo um mesmo padrão dos posts dos blogueiros. Isto significa que os leitores destes blogs também estão preocupados com um conteúdo mais transparente de informação.

Um outro fator interessante, que merece ser citado, é o uso de referências externas (com link de direcionamento) para outras informações, ampliando o debate. Muitos desses links estavam direcionados para outros blogs, dos comentaristas ou de outros blogueiros, que traziam mais notícias sobre o episódio, evidenciando a formação de uma blogosfera que teve um papel importante na produção de contra-informação em relação à cobertura da grande mídia, produzindo novas notícias e visões sobre o caso, colocando em xeque a credibilidade da imprensa tradicional brasileira.

Avaliação geral:

Os blogs estudados tiveram um papel importante ao criticarem a parcialidade da cobertura da mídia tradicional, durante o processo eleitoral de 2010, mais especificamente no caso da “quebra de sigilo”. Assumiram, dessa maneira, uma postura mais questionadora e investigativa. Os blogueiros buscaram trazer uma nova interpretação para os acontecimentos, com o fornecimento de novos dados, análises e interpretações, chamando a atenção para as distorções das reportagens publicadas na grande mídia, evidenciando o seu posicionamento contrário à candidatura de Dilma Rousseff.

Nassif se diferenciou por atuar mais diretamente no questionamento da cobertura da *Folha de São Paulo*. Logo após a repercussão da reportagem da *Veja*, o blogueiro buscou elucidar que o caso se referia a um livro (como citado acima) e não a composição de um dossiê, e que a “velha mídia” estava tentando relacionar esse fato a um trabalho de “espionagem” do comitê de campanha petista contra a candidatura tucana.

Por outro lado, Azenha também teve um papel importante, principalmente na repercussão e ampliação deste debate. O blogueiro utilizou seu espaço para divulgar as análises de Nassif,

publicar informações de outros meios, da mídia tradicional ou mesmo de outros blogs, ou então, realizando uma avaliação crítica do evento, buscando elucidar o “escândalo”. Essa atuação possibilitou que na *web* as denúncias fossem “neutralizadas”, minimizando possíveis impactos na corrida eleitoral, pois na medida em que as notícias eram depuradas pela Internet, ganhavam um “coro dos contrários”, que era veiculado na imprensa escrita e televisiva. Naquilo que Pierre Bourdieu (1997) denominava de “mecanismo de circulação circular” da informação, ou seja, aquilo que é retratado por um meio, logo deverá ser tratado por outro, sob risco de ficar desatualizado ou à margem do sistema de informações. É preciso lembrar que isso também ocorre porque muitas vezes, as fontes são as mesmas e os jornalistas também são os mesmos.

Em relação aos comentários publicados nos fóruns dos blogs estudados, pode-se notar que em ambos os espaços a grande maioria dos participantes eram simpatizantes da campanha de Dilma. Contudo, destacaram-se as críticas ao “jogo sujo” de Serra na campanha e, principalmente, a crítica à qualidade da imprensa brasileira. Os comentários, em geral, teciam duras críticas ao papel da mídia noticiosa na campanha eleitoral.

Um outro fator que merece destaque é a formação de uma rede colaborativa interligada pela rede mundial de computadores, que começou a ganhar maior espaço no debate político, enfraquecendo o monopólio do controle da produção, divulgação e circulação de informações da mídia tradicional, ampliando o debate para a participação de outros atores. Percebe-se que alguns jornalistas, como no caso estudado, tem um papel de centralização nesse processo comunicativo, exercendo a função do nó da rede, destacando no episódio Luis Nassif, Luiz Carlos Azenha e também Paulo Henrique Amorim, que por possuírem maior credibilidade (capital simbólico) e visibilidade atraem um número muito grande de leitores e participantes, que contribuem com material para incrementar os debates. A blogosfera tem o papel de ampliar o debate e circular a informação para além desses fóruns, atuando de forma interativa e colaborativa, criando uma nova dinâmica no processo político contemporâneo, que tem no universo digital da Internet um novo campo de ação política.

4. Considerações finais

A pesquisa realizada procurou elaborar uma reflexão sobre o uso da blogosfera durante o debate político das eleições presidenciais no Brasil em 2010. Durante a campanha eleitoral tanto no

universo da chamada mídia tradicional (TVs, jornais e revistas) como das NTICs, em especial a blogosfera. O principal caso analisado foi o escândalo da “quebra de sigilos”, que teve início em reportagens veiculadas na mídia tradicional e encontrou um mecanismo de contestação muito forte na blogosfera. Para tanto, foram acompanhadas as coberturas do jornal *Folha de São Paulo* e dos blogs *Vi o Mundo* e *Luis Nassif Online*.

O texto procurou compreender as reportagens publicadas em cada meio, seu debate e posições antagônicas, sistematizando algumas de suas características e seus pontos de divergências. Foi possível verificar que a blogosfera ofereceu esclarecimentos quando resgatou que os escândalos de quebras de sigilo não eram novidades no cenário político brasileiro. Mais ainda, lembrou que eram constantes e que ocorreram nos governos FHC e Lula, contra uma posição inicial da mídia tradicional que acusava a campanha de Dilma de ter criado este tipo de conduta. Ainda fez publicizar reportagens anteriores, elaboradas pela própria mídia tradicional em que os envolvidos confessavam já saber dos fatos em anos e momentos anteriores ao período eleitoral.

A Internet tem se tornado um espaço cada vez mais amplo para discussões em torno da política. Sejam debates institucionais, a respeito de políticas públicas, impostos, acompanhamento de ações e projetos de leis, contas públicas, etc., sejam debates ideológicos e correspondentes à agenda da mídia tradicional. Nesse estudo foi possível evidenciar que a rede mundial de computadores tem sido usada não só como meio facilitador de serviços e potencializador das notícias das agências tradicionais de informação, mas também como meio de contestação e quebra de monopólio.

Essa capacidade é decorrente de suas características técnicas, que permitem uma interação maior entre os usuários, mas também pelo fato de alguns jornalistas respeitados terem encontrado na blogosfera um meio de atuação e ação política. Esse aspecto ficou evidente durante a campanha eleitoral de 2010, quando a blogosfera ocupou o lugar de contestação à mídia tradicional, qualificando o debate com a veiculação de contra-informações.

A cada ano esse cenário tende a tornar-se mais instigante, graças a um número cada vez maior de pessoas acessando a rede, como disse Castells recentemente:

A história da brecha digital em termos de acesso é velha, falsa hoje em dia e rabugenta. Parte de uma predisposição ideológica de certos intelectuais interessados em minimizar a importância da internet. Há 2 bilhões de internautas no planeta, bilhões de usuários de celulares. Os pobres também têm telefones móveis e existem ainda outras formas de acessar a internet. A verdadeira diferença se dá na banda e na qualidade de conexão, não no acesso em si, que está se difundindo com rapidez maior que qualquer outra

tecnologia na história.¹⁶

De fato, o número de pessoas envolvidas nessa guerra de informação e contra-informação não é suficiente. É preciso relevar que o aumento constante no número de acesso às NTICs não é correspondente ao aumento do interesse da população pela vida política. No entanto, quando jornalistas de credibilidade, como Nassif e Azenha, se apoderam desses recursos e promovem debates como foram vistos durante a campanha de 2010, ocorre uma aproximação das condições necessárias para o desenvolvimento de uma maior cultura política e, por conseqüência, uma maior qualificação dos processos democráticos.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. (1997). *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

EGLER, Tamara T. C. (2010) *Redes tecnossociais e democratização das políticas públicas*. In *Sociologias*, ano 12, Nº 23, jan/abr.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. (2008) *Comunicação e Democracia: problemas & perspectivas*. São Paulo: Paulus.

LEVY, Pierre. (2001) *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editora 34.

LIMA, Venício A. de. (2006) *Mídia – crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.

PENTEADO, Claudio L. C.; SANTOS, Marcelo B. P.; ARAÚJO, Rafael de P. A. (2007) Internet e política: os blogs nas eleições presidências de 2006. Trabalho apresentado no 31º Encontro anual da ANPOCS, Caxambu/MG, outubro.

_____. (2011) Democracy and Internet: A Comparative Study between Portals of the Ministries of Culture (Br and Ar). Trabalho apresentado no congresso da IPSA-ECPR whatever happened to North-South? Realizado na USP, São Paulo, fevereiro. Disponível em <http://www.saopaulo2011.ipsa.org/paper/democracy-and-internet-comparative-study-between-portals-ministries-culture-br-and-ar>. Acessado em 01/03/2011.

SANPEDRO, Victor (2005). *13 – M Multitudes on line*. Madrid: Catarata.

SANTOS, Laymert G. dos. (2003) *Politizar as Novas Tecnologias – o impacto sócio-técnico da*

¹⁶ Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/>. Acesso em: 01/03/2011.

informação digital e genética. São Paulo: Editora 34.

TRIVINHO, Eugênio. (2007) *Dromocracia Cibercultural*. São Paulo: Paulus.

Periódicos consultados:

Folha de São Paulo, Caderno de Informática de 09/08/06 e 30/08/06.